

**PERCEPÇÕES DE SAÚDE NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
estudantes em foco**

***HEALTH PERCEPTIONS IN INITIAL TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION:
students in focus***

Laura Viana Fernandes¹ - UFRN 
Allyson Carvalho de Araújo² - UFRN 

RESUMO

Tendo em vista a histórica associação da saúde unicamente com aspectos biológicos e a persistência dessa perspectiva na escola e no meio acadêmico, o estudo teve como objetivo investigar como os estudantes de graduação de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande Norte, de diferentes momentos formativos, entendem a saúde. A pesquisa assume caráter exploratório de abordagem qualitativa, e se desenvolveu por meio de um questionário semiestruturado que buscou entender a compreensão de saúde baseada em elementos que se relacionam com esta percepção, como: o conceito, a atividade física, a Educação Física escolar e os aspectos de qualidade de vida. Verificou-se a predominância da visão biológica de saúde sobre ingressantes e sobre alguns concluintes, demonstrando que a formação inicial em Educação Física não tem conseguido ampliar a noção de saúde dos novos professores.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde; Escola; Educação Física; Formação Inicial.

ABSTRACT

Given the historical association of health exclusively with biological aspects and the persistence of this perspective in school and academia, the study aimed to investigate how undergraduate students of the Physical Education program at the Federal University of Rio Grande Norte, at different stages of their education, understand health. The research adopts an exploratory design with a qualitative approach and it is developed through a semi-structured questionnaire that seeks to understand the concept of health based on elements that are related to this perception, such as the concept, physical activity, school-based Physical Education and aspects of quality of life. There was a predominance of the biological view of health over freshmen and some graduates, demonstrating that initial education in Physical Education has not sufficiently broadened the understanding of health among new teachers.

KEYWORDS: Health; School; Physical Education; Initial Formation.

¹Graduada em Educação Física (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestranda em Educação Física pela mesma instituição. E-mail: lauravfernad@gmail.com.

²Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Associado III na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: allyson.carvalho@ufm.br.

INTRODUÇÃO

A compreensão de saúde baseada na ausência de doenças, em práticas de higiene e em um aprimoramento do corpo por meio do exercício físico, tem sido tradicionalmente dominante no campo da Educação Física (EF). Apesar dos esforços recentes para superar a visão higienista de saúde, sua persistência é constatada no meio escolar e no acadêmico (Mantovani, Maldonado, Freire, 2021). Estudos demonstram as nuances que a saúde adquiriu ao longo da história (Scliar, 2007) e destacam que no contexto brasileiro, a ausência de medidas e políticas públicas eficazes nos primórdios do Brasil, resultou na adoção de abordagens sanitaristas, que contribuíram para a posterior consolidação do pensamento higienista (Maciel, 2009; Bertolli Filho, 2011).

Na EF especificamente, as instituições médica e militar moldaram o fazer pedagógico por meio da ginástica e do esporte, em busca de corpos saudáveis e produtivos (Bracht, 1999). A influência política revelava a compreensão mecanicista de corpo, cuja preocupação não partia do cuidado, mas se desenvolvia como uma maneira de exercer controle e dominação sobre os corpos (Foucault, 2013). Nesse contexto, percebe-se que a EF foi historicamente instrumentalizada para corresponder a tais demandas históricas.

O reducionismo em saúde, como um processo resumido a atividade física e a ausência de doenças, implica ignorar fatores importantes que fazem parte desse processo, “[...] uma vez que não reconhece os fatores sociais, culturais e ecológicos, gerando, além de negligências na apropriação do conhecimento de outros saberes, distorções na aplicação e no uso dos recursos” (Lopes, Tocantins, 2012, p. 236). Diante disso, são nesses debates epistêmicos que percebemos o quanto a compreensão do conceito de saúde é importante para uma boa ação pedagógica, e como o seu contexto sócio-histórico vai determinar como este é visto, ensinado e compreendido.

A compreensão da Organização Mundial de Saúde (OMS) tem sido o conceito difundido e amplamente divulgado pela mídia (Azambuja *et al.*, 2017) ao passo que a literatura já levanta a utopia dessa proposição, que considera a saúde como uma “situação de perfeito bem-estar, físico, mental e social” que, dessa forma, pode ser classificada como “irreal, ultrapassada e unilateral” (Segre e Ferraz, 1997, p. 539).

Para ensino de saúde na EF escolar o questionamento premente é se existe esse tipo de entendimento único sobre saúde e se é possível tematizá-lo em sala de aula. O problema do ensino aprofunda-se ao perceber um viés estritamente biológico da saúde na EF escolar, mesmo já existindo ampliação de visão que considera o ser humano integralmente (Oliveira, Gomes, Bracht, 2015). Assim sendo, é na tentativa de compreender a saúde do sujeito de maneira integral que os Determinantes Sociais de Saúde (DSS) entram em evidência na discussão ampliada de saúde, pois compreende que existem diversos fatores que podem colaborar e interferir na saúde do indivíduo, como o contexto que está inserido, a sua classe social ou a sua condição econômica (Buss, Pellegrini Filho, 2007).

Historicamente, as particularidades também são ignoradas no pensamento higienista, que adestrava os corpos e reforçava a perspectiva de “hegemonia do entendimento de saúde ancorado ou associado ao conceito de atividade física” (Oliveira, Gomes e Bracht, 2015, p. 69), promovendo a dualidade entre as Ciências Biológicas e Humanas, denominada por Knuth, Azevedo e Rigo de “epistemologia da segregação” (2007, p. 74).

Desse modo, foi ao observar que, apesar da ampliação desse conceito, antigas concepções prevalecem no imaginário popular, tal qual no meio escolar e no acadêmico, de maneira cíclica, que surgiu a inquietação de como tem sido o processo formativo dos professores de EF, para romper com este pensamento dominante. Assim, o problema deste estudo consta em identificar como os futuros professores de EF pensam saúde em diferentes momentos formativos.

Portanto, a pesquisa teve como objetivo investigar como os estudantes de graduação de licenciatura em EF da Universidade Federal do Rio Grande Norte (UFRN), de diferentes momentos formativos, entendem saúde.

QUANDO O BIODISCURSO CHEGA À FORMAÇÃO

O chamado ‘Biodiscurso’ é para Palma (2020) o discurso que se fundamenta na lógica biomédica e matemática, e que aparece na EF como narrativa predominante para tratar de saúde. Concomitantemente, a promoção de saúde seria, em sua raiz, uma prerrogativa pautada na oposição à doença, em que a atividade física aparece como um elemento de combate e prevenção (Palma, 2020). Uma das razões para que a dimensão biológica esteja sempre em evidência em detrimento das outras áreas é a busca pela racionalização da EF (Mendes, Nóbrega, 2015; Palma, 2020) por meio da apropriação de outros saberes que são tidos como mais legítimos que os pedagógicos (Lopes, Tocantins, 2012).

Ao discutir as atribuições e formas de atuação dos licenciados e bacharéis, Palma (2020) percebe que optar pelo biodiscurso pode se configurar como um caminho mais simples e objetivo para os formandos, pois ignora complexidades e fatores da realidade do sujeito, fortalecendo-se por atribuir necessidade ao profissional de EF em uma lógica neoliberal, já que este passa a ser visto como um promotor de saúde, seja na escola ou nas academias e clubes.

Nesse ínterim, a tentativa de fazer uso da escola para a promoção de saúde já perdura ao longo do tempo, cuja conceituação da promoção de saúde é elaborada por Palma (2020) como um conjunto de atividades que objetivam aprimorar a saúde, ao passo que a prevenção de doenças se encaixa como medida que evita enfermidades. Outrossim, atribui-se ao sujeito a responsabilidade por sua saúde, assumindo a premissa de que o estado de enfermidade é resultante da ignorância e da falta de cuidado consigo mesmo (Lopes, Tocantins, 2012). Consequentemente, esta narrativa se caracteriza pela culpa, em um “discurso culpabilizante” (Palma, 2020, p. 21).

Paulatinamente, ao assumir a causalidade como fundamento, o corpo jovem e as ações para efetivar esse aspecto se tornam pautas nessa narrativa mercadológica (Damico, 2020), sintetizadas por Foucault (2013, p. 132) ao afirmar que “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Desse modo, o corpo aprimorado da lógica neoliberal apresentada está sob a cobrança de se manter em atividade na busca pela saúde, se configurando como um corpo-objeto nas mãos dos poderes e instituições que estimulam essa narrativa (Foucault, 2013).

Ademais, a saúde também se faz presente no meio escolar por meio de dispositivos tecnológicos (Fonseca *et al.*, 2020) em documentos que servem como manual ou guia para a prática pedagógica (Fernandes *et al.*, 2021). Assim, Abib, Silva e Damico (2019) realizaram a análise do Referencial Curricular do Rio Grande do Sul, o ‘Lições do Rio Grande’ (Rio Grande Do Sul, 2009), no qual identificaram que o documento em questão trata a saúde a partir de uma noção ampliada, superando a prescrição de exercícios, e partindo para a discussão de uma saúde crítica e relevante, mostrando que a ampliação deste conceito é possível, tornando o ensino de saúde mais pedagógico e possível.

Diante disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1987), desde a década de 80, já preconizavam os Temas Transversais (TT) como uma abordagem para grandes questões sociais por meio da interdisciplinaridade (Silva, Rufino, Darido, 2013), em que esta última se caracteriza pela “transposição didática entre os conteúdos, ao mesmo tempo em que se encontra alicerçado em princípios curriculares que se complementam e contribuem para que o

aluno compreenda a realidade como um complexo sistema” (Azambuja *et al.*, 2017, p. 22). Deste modo, propõe-se que a saúde seja ensinada por meio de uma transversalidade que não se reduz à EF enquanto promotora, como concorda Bisconsini, Rinaldi e Barbosa-Rinaldi (2015), ao pontuarem que a EF não consegue abarcar sozinha a complexidade que é o fenômeno saúde.

Semelhantemente, essa noção também aparece na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), diretriz formulada para atualizar o documento citado anteriormente, que propõe Temas Transversais Contemporâneos (TCT) (Brasil, 2019), com uma proposta que amplia os TT com problemas contemporâneos à BNCC. Em vista disso, o estudo de Azambuja e colaboradores (2017) se desenvolve a fim de identificar as percepções dos professores de EF acerca dos Temas Transversais e identifica que a compreensão de saúde dos entrevistados ainda se ancora no bem-estar pleno conceituado pela OMS. Além disso verifica que os TT não aparecem na formação inicial dos professores entrevistados, mas parcialmente em algumas disciplinas. Apesar da indicação de transversalidade por parte dos PCN (Brasil, 1987), a falta de aprofundamento nesse tema demonstra uma formação inicial deficiente (Azambuja *et al.*, 2017).

Assim sendo, o debate em torno da falta formação é problematizada por Ferreira, Oliveira e Sampaio (2019) ao debaterem sobre a persistência da formação inicial no enfoque da aprendizagem motora, deixando de lado o processo de criticidade e reflexão, enquanto o sistema educacional ensina saúde sob um caráter informativo e de prevenção de doenças. Assim, ao entrevistar professores de EF da rede municipal de Fortaleza, Ceará, os autores identificaram esta relação causal estabelecida entre atividade física e aquisição de saúde.

Nunes, Lopes e Veiga (2021) questionam se é possível para a academia formar professores e estabelecem neste debate a necessidade de reconceitualizar a formação inicial, de modo que o seu currículo tenha um papel de evidência diante dos seus desafios. Não obstante, percebe-se na literatura e nas diretrizes nacionais uma ampliação do debate em saúde na EF escolar, que já ocorre há pouco mais de três décadas e meia, a considerar os PCN (Brasil, 1987) e o estudo de Bracht (1999). No entanto, a formação inicial ainda demonstra dificuldades em romper com esse pensamento dominante, contribuindo para que esse processo retome ao seu ciclo e se estenda à ação pedagógica nas escolas. Diante disso, é neste campo de debate que nos inscrevemos.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Este estudo se configura como uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa que buscou analisar as percepções de saúde dos graduandos de licenciatura em EF, da UFRN, em diferentes períodos formativos, fazendo uso do questionário semiestruturado como instrumento de coleta. Para isso, os participantes selecionados foram os alunos do primeiro e do último período, que representam dois momentos marcantes da formação inicial, além de demarcarem o ingresso no ensino superior e a finalização desse período formativo. Assim, as duas turmas correspondem ao universo que diz respeito a 90³ alunos, dos quais 56 são do primeiro semestre de 2023 e 34 da turma do primeiro semestre de 2019. Contudo, a amostra correspondeu a 36 alunos graduandos que aceitaram participar e responder a um questionário semiestruturado aplicado entre março e abril de 2023.

³Esses dados foram fornecidos pela Secretaria do curso de licenciatura em Educação Física da UFRN. Estiveram envolvidos 56 alunos ingressantes em 2023.1, que somam as vagas disponibilizadas pelo SiSU (Sistema de Seleção Unificada) e vagas de reingresso. A turma de 2019.1 contava 43 ingressantes e após trancamentos e cancelamentos, ficaram 34 alunos ativos, resultando na amostra de 90 alunos.

Para tal amostra, utilizou-se um questionário *on-line* foi montado e apresentado via plataforma de formulários *Google Forms* e as seções de perguntas são separadas por conceito, atividade física, Educação Física escolar e qualidade de vida. A análise de dados assumiu caráter descritivo e essas categorias foram escolhidas a priori para nortear a investigação do conceito de saúde, e entender suas relações com a atividade física, EF escolar e qualidade de vida. Destaca-se que todos os respondentes concordaram em participar da pesquisa após leitura do Termo de Consentimento e Livre esclarecido (TCLE).

ESTUDANTES EM FOCO

O presente estudo buscou coletar dados de um total de 90 alunos, compreendendo tanto os estudantes do primeiro período quanto do último período do curso. Contudo, a pesquisa obteve 36 respostas, das quais 52,8% (19 alunos) correspondem a participantes do primeiro período e 47,2% (17 alunos) a participantes do último período, cujo perfil de idade varia entre 18 e 51 anos.

Entre os participantes da pesquisa, constatou-se que 36,1% (12 alunos) relatou não ter tido qualquer contato prévio com disciplinas que abordassem a temática da saúde no âmbito escolar ou durante a graduação, evidenciando variações na familiaridade e no contato com o tema da saúde relacionado à EF durante sua formação na Educação Básica. Dessa forma, a análise detalhada se seguiu de acordo com as categorias já mencionadas.

Compreensão de saúde

Primeiramente, verifica-se a transformação do conceito de saúde ao longo dos anos, tendo em vista a ampliação de percepção para fatores além da doença. Em uma perspectiva geral, é possível identificar, a partir dos resultados, que os participantes, em um panorama geral, se dividem entre uma compreensão que se relaciona com o conceito divulgado pela OMS e uma compreensão mais culturalista, que compreende o ser humano como um ser integral. Os demais ainda assim se dividem, ainda que não igualmente, entre alternativas que representam o viés biológico e o cultural, como ilustra o Quadro 1.

Quadro 1 - Compreensão de saúde dos graduandos

COMPREENSÃO DE SAÚDE QUE MAIS SE ASSEMELHA	Nº DE RESPOSTAS
A saúde está mais relacionada com a prática regular de atividade física, uma alimentação equilibrada, um sono regular e um acompanhamento psicológico.	7
A saúde está mais relacionada com as condições sociais favoráveis ao seu desenvolvimento de maneira integral.	13
A saúde está mais relacionada com a ausência de doença e um perfeito bem-estar físico, mental e social.	13
A saúde está mais relacionada com uma conjuntura política, econômica e social.	3

Fonte: construção da pesquisa.

A elaboração das quatro (4) alternativas, em que duas expressavam valores do biodiscurso e duas da noção ampliada de saúde, foi intencional, a fim de exprimir e tentar compreender quais indicadores, dentro dos dois discursos, era mais predominante na compreensão dos participantes. Desse modo, fica perceptível que, para alguns participantes, fatores como atividade corporal e alimentação são superiores às variáveis sociais e até a ausência de doença. Ainda assim, se somarmos as duas alternativas que representam a compreensão biológica, obtemos um total

de 20, enquanto as alternativas que correspondem a uma perspectiva sociocultural de compreensão de saúde representam 16 participantes. Diante do exposto, a maior incidência entre a visão biológica em detrimento da sociocultural é novamente explicado pelo que Palma (2020) apresenta como mais atraente para garantir ao profissional de EF a sensação de necessidade no processo de promoção de saúde. Tal constatação concede um teor de sobrevivência e sentido para a profissão.

Contudo, houve uma predominância da perspectiva de saúde mais próxima à apresentada pela OMS nos conceitos desenvolvidos pelos ingressantes quando os concluintes oscilaram e demonstraram uma variação nas respostas. Apesar de alguns ingressantes começarem seus conceitos afirmando compreender a saúde além da doença, eles prosseguiram fazendo menção a um bem-estar pleno que fragmenta o sujeito entre físico, social e mental. Essa fragmentação tem como raiz o pensamento cartesiano, que dicotomiza o homem entre corpo e mente, cuja visão é ampliada por meio da fenomenologia de Merleau-Ponty, que sugere um ser integrado (Mendes *et al.*, 2014).

Vejam alguns registros dos inquiridos:

O conceito mais geral de saúde, ao meu ver e sem adentrar nas diversas ramificações do assunto, giram em torno de: o indivíduo, dentro da sua bolha social e de vida, conseguir exercer livremente suas manifestações desejadas sem limitações próprias, sejam elas físicas, psicológicas ou mentais. Assim, para mim, o conceito de saúde é o exercício livre de suas vontades e necessidades como humano, sem limitações fisiológicas ou patológicas (Aluno 5, primeiro período, 2023).

Alguns graduandos concluintes pontuaram elementos importantes na vida do sujeito, que impactam na saúde, como as condições de trabalho, a moradia e os aspectos sociais. Ainda assim, suas respostas revelaram que ocorre a persistência do conceito supramencionado mesmo no estágio final da formação ou um imbricamento biocultural.

Na minha visão, o conceito de saúde seria esse: Saúde é o entrelaçamento entre todos os campos sociais do homem: relações sociais, alimentação, moradia, lazer, trabalho e descanso. Ou seja, a saúde é um resultado da relação do ser humano com a comunidade de forma integral. (aluno do último período)

A Saúde se manifesta de diferentes formas mas na tentativa de generalizar é uma relação biocultural no qual se caracteriza por bem estar fisiológico, social, econômico e ambiental. (Aluno 3, oitavo período, 2023)

Contudo, a lógica do adoecimento pode, inclusive, corroborar em distorções na interpretação de atrasos ou de deficiências. Para tanto, os participantes foram perguntados se era possível que o indivíduo com deficiência ou atraso no neurodesenvolvimento fosse saudável e, embora a maioria tenha concordado que sim, duas respostas apresentaram valores de dependência e de causalidade.

Com certeza, dentro de suas limitações. (Aluno 12, primeiro período, 2023)

Sim. Desde que seja devidamente oferecido a ele o seu direito de ter lazer, qualidade de vida, e equilíbrio nos 3 campos: físico, mental e psíquico de acordo com as suas necessidades. (Aluno 36, oitavo período, 2023)

Essas respostas destacam, ainda que não intencionalmente, a causalidade presente no discurso que trata saúde, pois aponta as limitações e as contingências para um bem-estar fragmentado, conforme fundamento já mencionado por Damico (2020) nas narrativas mercadológicas que têm como foco a produtividade. Por outro lado, Mendes e colaboradores (2014) ressaltam aspectos da filosofia Merleau-Pontiana, que entende a doença e a saúde como fenômenos existenciais, de tal forma que o adoecimento representa uma forma da existência, em oposição ao modelo biomédico que o postula como uma anormalidade sempre carente de cura.

Atividade física e saúde

Devido a comum associação entre a atividade física e a aquisição de saúde, a segunda categoria investigou como este tema era associado pelos graduandos. Em seu estudo, Palma (2020) aborda a característica atribuída à atividade física como fator de combate à doença e isso se tornou perceptível na descrição dos participantes. Durante a pesquisa, foi avaliado o impacto da atividade física na saúde, no qual os ingressantes destacaram benefícios como o desenvolvimento, a funcionalidade, o rendimento em atividade cotidianas e o funcionamento mecânico.

[...] Se praticada desde o início da vida, a atividade física se torna a protagonista causal do desenvolvimento físico e do primeiro contato com os conceitos de competição, do trabalho à ansiedade natural que vem com as práticas competitivas, etc. (Aluno 5, primeiro período, 2023)

O corpo, assim como uma máquina, precisa de manutenções. Caso o mesmo fique em um estado ausente de atividades físicas, utilizando a mesma alusão às máquinas, irá definhando e “enferrujar”. Em contrapartida, com o acompanhamento correto esse risco irá diminuir consideravelmente, reduzindo até mesmo o uso de medicações químicas. (Aluno 15, primeiro período, 2023)

A segunda resposta na discussão dessa categoria descreve o corpo como uma máquina que necessita de constante manutenção, sendo a atividade física o seu principal combustível para funcionar adequadamente. Isso faz alusão à visão mecanicista colocada por Foucault (2013) como uma maneira de exercer domínio, antes mesmo do cuidado, ao construir um corpo produtivo. Por outro lado, Bittencourt e Bassalo (2021) apontam um corpo que transcende um objeto biológico e que é tecido pela história e pela cultura que o cerca e a EF, portanto, tem a capacidade de fomentar a multiplicidade de corpos e auxiliar o aluno na construção e na significação. Diante disso, Abreu, Sabóia, Nóbrega-Therrien (2019) fazem essa distinção através da ideia do corpo alienado e do corpo emancipado, em que o primeiro diz respeito a um corpo objeto, que se assemelha à descrição feita acima pelo aluno do primeiro período.

No entanto, um graduando destacou, além dos benefícios, os malefícios vindos do excesso da atividade física.

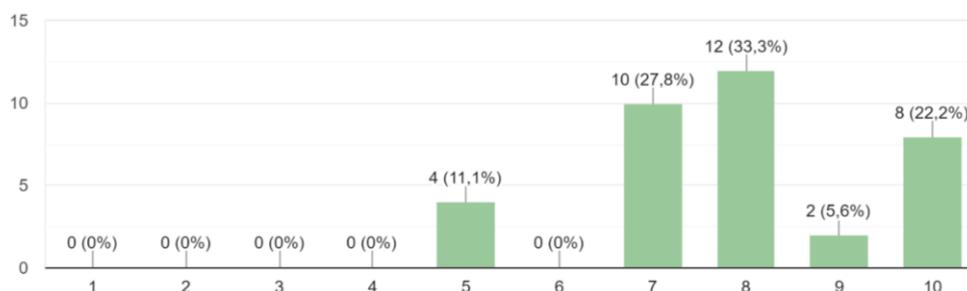
Preservando e desenvolvendo o bem-estar do indivíduo. Nos aspectos já comentados anteriormente: mental, social e físico. (Aluno 34, oitavo período, 2023)

Positivamente. Sabemos que existem benefícios físicos livrando os sujeitos de doenças agudas e crônicas e melhorando o condicionamento físico dos indivíduos. No quesito psicológico maior desenvolvimento neuroestrutural e aperfeiçoamento no número de sinapses; e Social, a Constante Interação entre indivíduos. (Aluno 30, oitavo período, 2023)

Tem dois lados, pode impactar tanto positivamente quanto negativamente, visto que tudo em excesso é ruim. (Aluno 32, oitavo período, 2023)

A fim de compreender como essa relação está condicionada, os participantes enumeraram o nível de correlação positiva entre a prática de atividade física e a aquisição de saúde no gráfico 1. Ante o exposto, apenas 11,1% (4 alunos) consideraram a contingência em um valor indicativo de 5, o que pode ilustrar um equilíbrio entre a aquisição de saúde e a atividade física. Em contrapartida, os demais selecionaram níveis de 7 para cima e isso representa que, para estes participantes, a prática de atividade física é parcial ou totalmente dependente na aquisição da saúde.

Gráfico 1 - Nível de correlação positiva entre a atividade física e a aquisição de saúde para os graduandos



Fonte: construção da pesquisa.

Isso se tornou ainda mais evidente quando 52,2% (19 alunos) da amostra responderam que um indivíduo que não pratica atividade física não consegue ser saudável. Logo, a crença difundida é de que a atividade física, além de representar a saúde, representa um elemento primordial para tornar o indivíduo forte para não adoecer (Almeida, Oliveira, Bracht, 2016). Consoante a isso, os determinantes sociais são deixados de lado quando 19,4% (7 alunos) dos graduandos concordaram que a prática regular de atividade física é mais importante que os aspectos sociais do indivíduo, enquanto 33,3% (12 alunos) negou e 47,2% (17 alunos) disse que talvez.

Assim, a percepção de que a atividade física é sinônimo de saúde, encaminha os futuros professores para a busca pelo rendimento no ensino das práticas corporais e o que se perde nesse processo é um olhar para as atividades com outros sentidos para além do desempenho e do rendimento.

Educação Física escolar e saúde

Os participantes da pesquisa concordaram acerca da relevância de ensinar saúde na EF escolar, citando formas em que a tematização de saúde pode ocorrer, como ao debater o uso de drogas ou padrões de beleza corporal, se aproximando de uma noção de problemas cotidianos que podem ser discutidos em sala de aula. Desse modo, a EF como componente escolar se desenvolve por meio de ações pedagógicas que compreendem uma abrangência de temas e de fatores que não são resumidos à atividade física (Iracema Lenhart *et al.*, 2019). Assim, o papel da EF escolar não é linear, tendo em vista que se mostra complexo e abarca temas comuns à vida cotidiana, de modo que o papel desse componente curricular é uma atribuição que “não se restringe aos anos de permanência na escola e sim, que se estende ao longo da vida” (Iracema Lenhart *et al.*, 2019, p. 49).

No entanto, sua importância também foi relacionada pelo alunado a tornar os estudantes mais saudáveis para uma sociedade livre de transtornos e doenças, ressaltando a promoção da saúde como um dos aspectos da EF escolar, incluindo ensinar hábitos saudáveis. Isso foi demonstrado quantitativamente quando 77,8% (28 alunos) responderam que é dever da EF escolar ser promotora de saúde. Contudo, não foi possível identificar se a compreensão dos graduandos inclui, ao mesmo tempo, fatores além da doença e da associação com a atividade física, ou se eles estavam demonstrando inconsistência no discurso quando revelaram que, para eles, o papel da EF escolar é ensinar saúde de forma crítica fazendo diálogos com temas do currículo, mas é também ensinar higiene pessoal e promover a saúde por meio da atividade física.

Ao pensar em como abordar este tema nas aulas, cerca de 6 respostas indicaram que a saúde pode ser trabalhada por meio de brincadeiras, metodologias ativas ou interdisciplinaridade. “Abordando temas importantes no geral, como: educação sexual, alimentação, prática de atividades físicas, anatomia” (primeiro período).

Apesar de não estarem enganados frente a tal possibilidade, percebe-se uma fragilidade ou não profundidade das possibilidades de ação dado ao não acionamento de habilidades específicas da EF que acionam a questão da saúde ou mesmo a saúde como um Tema Contemporâneo Transversal (TCT), tal como preconizado pela BNCC.

Isso pode ser justificado pela falta de conhecimento acerca dos TCT, quando os poucos que demonstraram saber, sendo estes os graduandos na etapa final da formação, não conseguiram falar profundamente sobre o tema. Outra razão é a percepção instrumentalizada de saúde, que incube exclusivamente a EF o papel de promover saúde e tornar os alunos saudáveis, desconsiderando as singularidades e os fatores não biológicos.

Sendo assim, os TT aparecem nos PCN (Brasil, 1987) com o objetivo de abordar pedagogicamente problemáticas que permeiam a nossa vida em sociedade (Silva, Rufino, Darido, 2013), uma vez que fazem parte dessa complexidade cotidiana.

Diante disso, a falta de compreensão acerca da função pedagógica da EF e da saúde revela uma formação inicial deficiente para os concluintes, e que pode ainda ser revertida para os ingressantes, mas que já demonstram que a formação inicial tem falhado em debater e superar esses temas, tendo em vista que esse ciclo tende a se repetir. Para tanto, compreender a função da EF é importante para superar a sua instrumentalização, e um caminho sugerido por Almeida, Oliveira e Bracht (2016, p. 106) é o trato didático-pedagógico da saúde, que confere à EF o papel de “promover o acesso pedagogizado e crítico às práticas da Cultura Corporal de Movimento na escola” e pode ser associado ao que Bego (2016) sugere como o agir comunicativamente para um ato de emancipação na ação educativa.

Qualidade de vida e saúde

A categoria de qualidade de vida e saúde foi destinada a investigar quais indicadores os participantes compreendiam como determinantes para a saúde. Para isso, foram selecionados indicadores que poderiam resumir um indivíduo saudável, que tomou destaque o sono e a alimentação adequada, somada à prática de atividade física e à ausência de doenças. Cerca de 52,8% (19 alunos) da amostra demonstrou não saber o que são DSS, o que corresponde a mais da metade dos graduandos e, dentre esse quantitativo, 8 são concluintes. A respeito disso, Buss e Pellegrini Filho (2007, p. 78) chegam a algumas conceituações de como os determinantes podem ser compreendidos, como por exemplo reconhecer que “condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde”. Isto implica dizer que não basta que o sujeito não esteja doente para ter saúde, a vida que o cerca, sua condição de trabalho, moradia, transporte, saneamento, alimentação, meio ambiente e outros, contribuem ou não para que ele tenha saúde.

Buss e Pellegrini Filho (2007) apontam que a definição de saúde da OMS já representava ampliação no conceito de saúde, mas, ainda assim, cabe ressaltar a utopia que consta nessa prerrogativa. Apesar disso, a OMS influenciou no movimento dos DSS e em 2006 foi criada uma Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais de Saúde (CNDSS), como os autores explicam. Desse modo, torna-se imprescindível que, em uma educação para saúde, os determinantes sejam tensionados e debatidos na escola.

Um dos graduandos do primeiro período, ao explicar o que compreendia sobre determinantes sociais, relacionou a práticas/atividades que possibilitem o desenvolvimento do comportamento motor. Segundo ele é: “A inclusão de todos os indivíduos em brincadeiras e atividades que desenvolvam seu comportamento Motor” (aluno do primeiro período).

Assim, percebeu-se que os graduandos do primeiro período pouco conheciam acerca deste tópico, bem como não conseguiram se aprofundar e explicar esse conceito, uma vez que comumente associavam a saúde a temas aleatórios, como o desenvolvimento motor. Diante disso, esse alunado no estágio final da formação demonstraram conhecer mais sobre essa seção e conseguiram citar fatores sociais determinantes para a saúde do indivíduo. Tal constatação se justifica pela resposta inicial de alguns deles, que demonstraram ter contato com o tema saúde durante uma disciplina optativa da graduação, chamada de Educação para Saúde, que em sua ementa se propõe a abordar a saúde sob uma perspectiva ampliada e os determinantes sociais que influenciam nela. No entanto, por ser uma disciplina optativa, nem todos os concluintes souberam desenvolver e explicar esse tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi visto neste estudo como a concepção de saúde esteve fundamentada na prevenção de doenças e como a EF foi utilizada nesse processo como instrumento de promoção da saúde e do aprimoramento dos corpos. Portanto, pensar a saúde no Brasil esteve, desde o princípio, relacionado aos hábitos de higiene, cujas raízes são observadas na ausência de uma saúde pública que atendesse a população eficazmente. Assim, ações preventivas se estenderam à EF, ganhando traços mecanicistas, enquanto ignorava fatores sociais que influenciam na saúde do sujeito.

Apesar da ampliação da concepção de saúde para além do adoecimento, reconhecendo determinantes sociais como fatores que influenciam na saúde do sujeito, observa-se que os ideais biológicos persistem no meio escolar e acadêmico de maneira cíclica, nos levando a questionar como tem sido a formação dos futuros professores de EF. Portanto, o presente trabalho

investigou a compreensão de saúde dos graduandos de dois momentos formativos distintos, o primeiro e o último período, do curso de licenciatura em EF da UFRN, no município de Natal/RN.

Identificamos a predominância do viés biológico no discurso dos ingressantes, que repercutiram a compreensão de saúde da OMS, enquanto os concluintes apresentaram variação, em que alguns citaram fatores sociais e outros apresentaram um discurso biocultural. Durante o processo, a atividade física esteve presente nas respostas dos ingressantes e dos concluintes como um fator de combate à doença, enquanto o papel da EF escolar esteve relacionado a tornar os escolares mais saudáveis para uma sociedade livre de doenças, sendo concordado por mais da metade da amostra que promover saúde é um dever da EF na escola. Assim, foi notável que, entre as formas de abordar esse tema, a atividade física ganhou destaque em detrimento das questões que podem ser tensionadas por meio de um ensino transversal. Além disso, os resultados também indicaram que 8 dos 17 concluintes não conhecem os DSS. Os ingressantes associaram o comportamento motor a diversas questões da pesquisa, inclusive no que diz respeito aos determinantes sociais e, em contrapartida, apesar do desconhecimento de uma parcela significativa de formandos, os concluintes conseguiram conceituar esse tópico com mais facilidade.

Mediante o exposto, foi possível perceber que, apesar do estágio final da formação, o biodiscurso ainda incide nas concepções dos graduandos que estão para se formar, demonstrando que, em alguns aspectos, a noção de saúde deles não foi ampliada ao longo da graduação. Algumas razões que podem justificar isso é a ausência de uma disciplina obrigatória na grade curricular do presente curso que ensine saúde sob uma noção ampliada, demonstrando formas, didáticas e pedagógicas, de ensinar saúde na escola, tendo em vista que a disciplina que existe é optativa e poucos despertam o interesse para cursá-la (Araújo, Dias, Melo, 2013). Além disso, é necessário que haja um olhar para os cursos de formação inicial e que sejam fomentados debates e discussões acerca do ensino da saúde na escola, a fim de superar a percepção inalcançável de saúde postulada pela OMS, que coloca sobre os professores o fardo de ensinar algo que não é real, e que não condiz com as singularidades e com a realidade dos escolares. Outrossim, são necessários novos debates em torno de uma atualização da grade curricular do curso que considere esse tema como obrigatório para a formação dos discentes, bem como o fomento na formação continuada, que recicla e atualiza os professores já em campo para um contato com os debates emergentes.

REFERÊNCIAS

ABIB, Leonardo. Trápaga; SILVA, Bruno de Oliveira e; DAMICO, José Geraldo Soares. A saúde como tema do componente curricular Educação Física no Referencial Curricular “Lições do Rio Grande”. *Kinesis*, v. 37, p. 01-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/34973>. Acesso em: 5 jul. 2023.

ABREU, Samara Moura Barreto de; SABÓIA, Wilson Nóbrega; NOBREGA-THERRIEN, Silva Maria. Formação docente em educação física: Perspectivas de uma racionalidade pedagógica do corpo em movimento. *Educação & Formação*, v. 4, n. 12, p. 191-206, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/897>. Acesso em: 7 jul. 2023.

ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; OLIVEIRA, Victor José Machado de; BRACHT, Valter. Educação Física escolar e o trato didático-pedagógico da saúde: desafios e perspectivas. In: WACHS, Felipe; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; BRANDÃO, Fabiana Fernandes de Freitas. (org.). **Educação Física e Saúde Coletiva**: cenários, experiências e artefatos culturais. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016, p. 87-112.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; DIAS, Maria Aparecida; MELO, José pereira de. A formação em Educação Física no diálogo multiprofissional para a promoção da saúde. **Rev Bras Ativ Fis Saúde**, v. 18, n. 3, p. 339-340, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v.18n3p339>. Acesso em: 10 jul. 2023.

AZAMBUJA, Cati Reckelberg; PANDOLFO, Kelly Christine Maccarini; MACHADO, Rafaella Righes; SANTOS, Daniela Lopes dos; SCHETINGER, Maria Rosa Chitolina. Percepções de professores de educação física sobre a educação em saúde na escola. **Kinesis**, v. 35, n. 1, p. 21-27, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/20496>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BEGO, Amadeu Moura. Políticas públicas e formação de professores sob a perspectiva da racionalidade comunicativa: da ingerência tecnocrata à construção da autonomia profissional. **Educação & Formação**, v. 1, n. 2, p. 3-24, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/98>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **História da saúde pública no Brasil**. São Paulo: Ática, 2011.

BISCONSINI, Camila Rinaldi; RINALDI, Wilson; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. A compreensão de professores e alunos do ensino médio sobre saúde em aulas de educação física. **Corpoconsciência**, v. 19, n. 2, p. 18-24, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3887>. Acesso em: 6 jul. 2023.

BITTENCOURT, Daniela Rocha; BASSALO, Lucelia de Moraes Braga. O corpo é voz, mas na educação física não: compreensões sobre corpo na formação docente. **Educação & Formação**, v. 6, n. 2, p. e4091, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4091>. Acesso em: 1 jul. 2023.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 10, n. 48, p. 69-88, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Diretoria de Políticas e Regulação da Educação Básica. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: Proposta de Práticas de Implementação. Brasília, 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1987.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?lang=pt>. Acesso em: 5 jul. 2023.

DAMICO, José Geraldo Soares. A educação física menor na saúde coletiva. In: WACHS, Felipe; LARA, Larissa; ATHAYDE, Pedro. (org.). **Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE**. Natal: EDUFRN, 2020, p. 29-49.

FERNANDES, Laura Viana; MELO, Lucas Rafael Pacheco de; FONSECA, Fábio Batista de; CUNHA, Sérgio Melo da; OLIVEIRA, Nathalia Doria; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. O tema saúde na educação física escolar: diálogos entre material didático e currículo. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 2, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/11576>. Acesso em: 6 jul. 2023.

FERREIRA, Heraldo Simões; OLIVEIRA, Braulio Nogueira de; SAMPAIO, José Jackson Coelho. Análise da percepção dos professores de Educação Física acerca da interface entre a saúde e a Educação Física escolar: conceitos e metodologias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, p. 673-685, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/k3XVXbdT9g58Mw9WLWGGnhs/#>. Acesso em: 6 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FONSECA, Fábio Batista da, FERNANDES, Laura Viana, MELO, Lucas Rafael Pacheco de, CUNHA, Sérgio Melo da; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Educação física escolar, tecnologias digitais e saúde: incursões exploratórias pela literatura. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 01-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e72861>. Acesso em: 6 jul. 2023.

IRACEMA LENHART, Jaqueline; SANFELICE, Gustavo Roesse; BRANCA MORON, Victória; BOLZAN BERLESE, Denise; DA SILVA PINTO, Aline. Concepções dos docentes sobre o tema saúde e sua relação com os saberes e experiências profissionais. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 30, p. 47-64, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/9189>. Acesso em: 27 jul. 2023.

KNUTH, Alan Goulart; AZEVEDO, Mario Renato; RIGO, Luiz Carlos. A inserção de temas transversais em saúde nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 12, n. 3, p. 73-78, 2007. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/824>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LOPES, Rosane; TOCANTINS, Florence Romijn. Promoção da saúde e a educação crítica. **Interface - comunicação, saúde e educação**, v. 16, n. 40, p. 235-248, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/6dR6MvCvyHKBkzbYJnFY9jb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MACIEL, Marjorie Ester Dias. Educação em saúde: conceitos e propósitos. **Cogitare Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 773-776, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/16399>. Acesso em: 14 de jul. 2023.

MANTOVANI, Thiago Villa Lobos; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A relação entre saúde e educação física escolar: uma revisão integrativa. **Movimento**, v. 27, p. 02-21, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/106792>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; ARAÚJO, Allyson Carvalho de; DIAS, Maria Aparecida; MELO, José Pereira de. Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas. **Movimento**, v. 20, n. 4, p. 1587-1609, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42958>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrócia da. Indicadores epistemológicos do Brazil-Medico: Educação e Educação Física. **Educar em Revista**, n. 56, p. 225-241, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/RmKRYFnN7XcyvZffVs43VBP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2023.

NUNES, Deise de Jesus Soares; LOPES, Maria Amélia da Costa; VEIGA, Maria Amélia Pina Tomás. Pode a academia formar professores? Uma experiência de formação de professores de educação física na universidade. **Revista Educação e Emancipação**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 294-317, 2021. DOI: 10.18764/2358-4319.v14n2p294-317. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/17221>. Acesso em: 15 dez. 2023.

OLIVEIRA, Victor José Machado de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. Educação para a saúde na educação física escolar: uma questão pedagógica! **Cadernos de formação RBCE**, v. 5, n. 2, 2015. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2068>. Acesso em: 8 ago. 2023.

PALMA, Alexandre. Tensões e possibilidades nas interações entre educação física, saúde e sociedade. In: WACHS, Felipe; LARA, Larissa; ATHAYDE, Pedro. (org.). **Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE**. Natal: EDUFRN, 2020, p. 15-27.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico (org.). **Referencial Curricular do Rio Grande do Sul - Lições do Rio Grande: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias - Artes e Educação Física**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, 2009.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de saúde coletiva**, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Revista de saúde pública**, v. 31, n. 5, p. 538-542, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/zHNk9hRH3TJhh5fMgDFCFj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SILVA, Luciana Maria Fernandes; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Capoeira e temas transversais: avaliação de um blog didático para as aulas de educação física. **ETD**, v. 15, n. 01, p. 87-106, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1296/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

| Submetido em: 13/1/2024

| Aprovado em: 22/5/2024

| Publicado em: 02/7/2024